

"A guerra nunca é santa: o Evangelho da paz contra os impérios da morte"

Por Dom Luís Fernando Bertol

Bispo de Goiânia da Igreja Católica Apostólica Brasileira



A Bíblia, em sua inteireza e profundidade, nunca glorificou a guerra. Ainda que o Antigo Testamento narre batalhas e conquistas, o fio condutor da revelação aponta para outra direção: a superação da violência como caminho da verdadeira aliança com Deus. O Deus de Abraão, de Moisés e dos Profetas — o mesmo que se encarna em Jesus de Nazaré — não é senhor de exércitos vingativos, mas Pai dos que sofrem.

As guerras, em qualquer tempo, são escândalo. Mas as do nosso tempo — tecnológicas, midiáticas, cirúrgicas — escondem um veneno ainda mais perverso: a mentira da justificativa. Dizem que são por segurança, mas matam os inocentes. Dizem que são por liberdade, mas escravizam povos. Dizem que combatem o mal, mas as bombas sempre caem sobre as casas dos pobres, nunca nos palácios dos poderosos.

✘ A farsa dos "mocinhos"

As grandes potências — aquelas que monopolizam armas, moedas e narrativas — jamais foram mocinhas da história, por mais que Hollywood tente. Sempre foram os impérios. Sempre foram os faraós. Sempre foram os que crucificam em nome da ordem.

O conflito na Ucrânia não é apenas uma questão de território. É um jogo de forças geopolíticas entre superpotências, enquanto o povo ucraniano e russo morre às margens da soberania. Da mesma forma, na Faixa de Gaza, o que assistimos não é uma guerra comum, mas um genocídio sistemático: crianças enterradas em escombros, hospitais bombardeados, vidas palestinas tratadas como estatística.

E tudo isso sob a convivência hipócrita das nações que se dizem civilizadas, mas financiam armamentos e lavam as mãos diante do sangue.

☐ Jesus: o Príncipe da Paz

Jesus não foi um militante de ideologias. Mas também não foi neutro. Ele tomou partido dos pobres, dos marginalizados, das vítimas da violência do Estado e da religião.

Ele não empunhou espadas — mandou Pedro guardá-la (cf. Mt 26,52).

Não incitou revoltas armadas — chamou os mansos de bem-aventurados (cf. Mt 5,5).

Não amaldiçoou os inimigos — orou por eles na cruz (cf. Lc 23,34).

O Cristo, que se fez pobre em Belém e refugiado no Egito, que entrou em Jerusalém montado num jumentinho e não num cavalo de guerra, veio fundar o Reino da Paz, onde "as espadas se transformarão em arados" (cf. Is 2,4).

Seu ministério é claro: Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus (Mt 5,9). A guerra nunca foi bem-aventurança. A guerra é maldição dos poderosos sobre os pequenos.

† A Igreja como voz da paz

Diante dos horrores de Gaza, da Ucrânia, da África esquecida, dos conflitos invisíveis das periferias brasileiras — não podemos calar. Somos discípulos de um crucificado. E a cruz não é estandarte de dominação, mas denúncia do sofrimento humano.

A verdadeira Igreja é pacífica e profética. Não consagra armas, consagra corações. Não unge generais, unge os enfermos. Não financia tanques, financia esperanças.

Se um dia os senhores da guerra vierem pedir bênçãos para suas bombas, que nos encontrem de joelhos... não rezando por vitória, mas clamando pelo fim de toda violência.

 “A paz vos deixo, a minha paz vos dou. Não como o mundo a dá...” (Jo 14,27)

Que o mundo continue sua ilusão de glória bélica.

Nós seguiremos o Cordeiro que venceu sem matar — porque amou até o fim.